

The Death of Cancer

A Morte do Câncer

La Muerte del Cancer

DEVITA JR, V. T.; DEVITA-REBURN, E. The death of cancer: after fifty years on the front lines of medicine, a pioneering oncologist reveals why the war on cancer is winnable – and how we can get there. New York: Sarah Crichton Books, 2015.

Ronaldo Corrêa Ferreira da Silva¹

Em 1971, um decreto do presidente dos EUA, conhecido como o Decreto Nacional de Câncer, deu início à mundialmente conhecida “Guerra contra o câncer”. Desde então, bilhões de dólares do governo federal, coordenados pelo Instituto Nacional de Câncer dos EUA (NCI), foram investidos em pesquisa e assistência ao câncer. Uma testemunha privilegiada dos mais de quarenta anos dessa “guerra” é o oncologista norte-americano Vincent T. DeVita Jr., que entrou no NCI em 1963, foi diretor-geral entre 1980-1988, e retirou-se da instituição após 25 anos de serviço público. Nos últimos 25 anos, foi presidente da Associação Americana de Câncer, editor do livro texto *Cancer: Principles & Practice of Oncology* e assumiu diferentes cargos em centros de tratamento de câncer e na universidade. Além disso, na década de 2000, teve um diagnóstico de câncer de próstata, o que permitiu acrescentar, à sua larga vivência como médico, pesquisador e gestor na área da oncologia, a experiência de ser um paciente com câncer. Essa trajetória de mais de 50 anos como oncologista (e paciente) é muito bem explorada no livro *The Death of Cancer* lançado nos EUA em 2015 e sem tradução no Brasil. Em que pese em alguns momentos da narrativa uma excessiva autopromoção, o texto é rico em exemplos de como uma nova disciplina na área da medicina (a oncologia clínica) e um problema sanitário emergente (o câncer) se entrelaçam para, segundo o autor, caracterizar os anos 1970 como o “fim do começo” e o momento atual da guerra contra o câncer como o “início do fim”. Durante a leitura dos 11 capítulos, o leitor é transportado para os primórdios da utilização da quimioterapia combinada para o tratamento de tumores como linfomas e leucemias em meados dos anos 1960. Até 1974, não havia a especialidade de oncologia clínica como uma subespecialidade da medicina, o que fazia com que os profissionais que utilizavam quimioterápicos nos pacientes com câncer fossem chamados de quimioterapeutas ou, de forma depreciativa, de magos ou curandeiros. Os incentivos financeiros para o desenvolvimento de pesquisas básica e clínica, a expansão dos centros de câncer, e os complexos mecanismos de regulação da utilização de quimioterápicos são detalhados em uma ordem cronológica que permite aos leitores dimensionar o enorme progresso da disciplina e das estratégias de tratamento do câncer. É curioso perceber que interesses pessoais e corporativos estão sempre presentes nos momentos de ruptura paradigmática de tratamento, como ocorreu na introdução da quimioterapia combinada e da terapia-alvo, e no avanço das pesquisas sobre imunoterapia. Os altos e baixos na guerra contra o câncer, coordenada pelo NCI, também nos faz lembrar que o ambiente político, o *lobby* das corporações e da sociedade civil organizada, a atuação das agências reguladoras, e o papel das lideranças das instituições de pesquisa e assistência do câncer são elementos-chave para o progresso ou atraso no alcance da meta de redução da mortalidade por câncer. Uma ausência sentida, mas compreensível, por tratar-se de memórias de um oncologista clínico, é uma narrativa sobre as ações de prevenção do câncer e detecção precoce da doença. Em pouquíssimas passagens do texto, são levantadas questões relacionadas aos fatores de risco do câncer e aos programas e ações de detecção precoce. Nas devidas proporções, o livro remete às questões ainda pouco estudadas no

¹Médico. Especialista em Oncologia Clínica pelo Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Mestre e Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz). Editor Científico da Revista Brasileira de Cancerologia (RBC).
E-mail: rsilva@inca.gov.br

contexto nacional, como o impacto das ações de controle do câncer, modelos de investimentos em pesquisa, maior ou menor controle estatal sobre a inovação e desenvolvimento tecnológico (novos medicamentos) e descentralização dos centros de referência em câncer (hospitais especializados ou universitários). Para todos os oncologistas e para pesquisadores, gestores e profissionais de saúde com interesse no tema, é uma leitura recomendada. No mais, vamos torcer para que alguma editora tenha interesse em publicar o livro em português.